

# Mercado de Trabalho

conjuntura e análise

ANO 27 | abril de 2021

71

**Governo Federal**

**Ministério da Economia**

**Ministro** Paulo Guedes

**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

**Presidente**

Carlos von Doellinger

**Diretor de Desenvolvimento Institucional**

Manoel Rodrigues Junior

**Diretora de Estudos e Políticas do Estado,  
das Instituições e da Democracia**

Flávia de Holanda Schmidt

**Diretor de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,  
Urbanas e Ambientais**

Nílo Luiz Saccaro Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação  
e Infraestrutura**

André Tortato Rauen

**Diretora de Estudos e Políticas Sociais**

Lenita Maria Turchi

**Diretor de Estudos e Relações Econômicas  
e Políticas Internacionais**

Ivan Tiago Machado Oliveira

**Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação**

André Reis Diniz

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

# Mercado de Trabalho: conjuntura e análise

**CORPO EDITORIAL**

**Editor Responsável**

Carlos Henrique Leite Corseuil

**Membros**

Felipe Mendonça Russo

Lauro Ramos

Sandro Pereira Silva

Sandro Sacchet de Carvalho

**Equipe de Apoio**

Bruna de Souza Azevedo

Carolina Lopes de Carvalho Vital

Gabriela Carolina Rezende Padilha

Máira Albuquerque Penna Franca

Leandro Pereira da Rocha

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2021

---

Mercado de trabalho : conjuntura e análise / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Ministério do Trabalho. – v.1, n.0, (mar.1996)- .- Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho, 1996-

Irregular (de 1996-2008); Trimestral (de 2009-2012); Semestral (a partir de 2013).

Título da capa: Boletim Mercado de Trabalho (BMT)

ISSN 1676-0883

1. Mercado de Trabalho. 2. Estatísticas do Trabalho. 3. Brasil. 4. Periódicos. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. II. Brasil. Ministério do Trabalho.

CDD 331.1205

---

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

# DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO E PANDEMIA DA COVID-19<sup>1</sup>

Joana Simões Costa<sup>2</sup>  
Ana Luiza Neves de Holanda Barbosa<sup>3</sup>  
Marcos Hecksher<sup>4</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

É consenso que a pandemia do coronavírus (Covid-19), evento sem precedente na história recente mundial, gerou efeitos bastante expressivos, e alguns já bem dimensionados, sobre todos os setores da sociedade. No contexto econômico e, em particular, no mercado de trabalho, a perspectiva global foi de forte recessão, resultante da expressiva retração tanto da demanda quanto da oferta de trabalho.

De um lado, as restrições ao funcionamento de diversas atividades econômicas, o que afeta de forma adversa o consumo, levam à forte queda da produção de bens e serviços e, portanto, da demanda por trabalho. De outro, as medidas de distanciamento social, além do temor das pessoas irem às ruas e contraírem o vírus Sars-Cov-2, levaram à retração expressiva da oferta de trabalho.<sup>5</sup>

A evidência empírica existente, no entanto, sugere que há uma heterogeneidade significativa do impacto da crise no que diz respeito tanto às características individuais dos trabalhadores quanto às suas posições ocupacionais, contratos de trabalho e seus vínculos (Adam-Prassl *et al.*, 2020; Alon *et al.*, 2020; Galasso *et al.*, 2020).

No Brasil, o mercado de trabalho, que já não apresentava resultados satisfatórios em anos anteriores, piorou de forma bastante expressiva em 2020. Em um primeiro momento (março e abril), a taxa de desemprego aumentou de forma contida, dada a forte queda nos níveis de ocupação e participação na força de trabalho (Carvalho *et al.*, 2020). No segundo trimestre de 2020, a taxa de desemprego ficou em 13,3% (contra 12,4% no mesmo período de 2019 e 11,6% no primeiro trimestre de 2020). Apesar de não desprezível, essa taxa não retrata fielmente o impacto negativo das medidas de isolamento e restrições de atividades econômicas, pois, por tratar-se de um indicador sintético que reflete o comportamento conjunto da oferta e da demanda, ela tende a atenuar as adversidades e sucessos do mercado quando essas duas dimensões flutuam na mesma direção (Corseuil, Franca e Ramos, 2020).

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bmt71/nta3>

2. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <joana.costa@ipea.gov.br>.

3. Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea e professora do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc) do Rio de Janeiro. *E-mail*: <ana.barbosa@ipea.gov.br>.

4. Assessor especializado na Disoc/Ipea. *E-mail*: <marcos.hecksher@ipea.gov.br>.

5. No Brasil, a redução da oferta de trabalho foi potencializada pela implementação do Auxílio Emergencial (AE) para as pessoas em situação de vulnerabilidade, havendo um efeito renda positivo gerado pelo auxílio (Carvalho *et al.*, 2020). Para uma análise da crise no mercado de trabalho brasileiro ocasionada pela pandemia, ver as edições da Carta de Conjuntura divulgadas pelo Ipea em 2020, disponíveis em: <<https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>>.

Com relação ao nível de ocupação, em especial, pela primeira vez desde o início da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012, mais da metade da população brasileira em idade de trabalhar ficou sem trabalho. As informações disponíveis sugerem que o nível de ocupação ficou, já na segunda quinzena de março e no mês de abril, em 48,8% e 48,5%, respectivamente, algo inédito na série da PNAD Contínua (Heckscher, 2020). A situação se agravou principalmente para os grupos mais vulneráveis e com maiores dificuldades de entrada no mercado de trabalho, sejam os negros, os mais pobres, os mais jovens, as mulheres e os trabalhadores menos qualificados.

O objetivo deste trabalho é o de identificar como as desigualdades associadas a sexo, raça/cor e idade foram afetadas em termos de perda e de ganho de ocupação no Brasil na crise da pandemia de 2020. Além disso, pretende-se comparar tais indicadores com os mesmos fluxos de períodos anteriores (em especial, no período de 2015 e 2016), na medida em que a intensidade da crise tende a ser compreendida de forma mais clara. Em particular, pretende-se comparar os fluxos do primeiro para o segundo trimestre de cada ano, além de identificar como sexo, raça/cor e idade afetam os indicadores de transição mesmo ao controlar por outras características. A base de dados é proveniente da PNAD Contínua, do IBGE, considerando o primeiro e segundo trimestres de cada ano do período entre 2012 e 2020.

Além desta introdução, esta nota está organizada da seguinte forma. A seção 2 analisa a evolução de alguns dos principais indicadores de estoque do mercado de trabalho (taxa de participação, taxa de desemprego, taxa de ocupação e taxa de informalidade) no período entre 2012 e 2020. A análise é realizada por sexo, raça/cor e faixa etária dos trabalhadores. Já a seção 3 apresenta indicadores de transições tanto da entrada quanto da saída na ocupação no período analisado. A seção 4 é dedicada às considerações finais.

## **2 INDICADORES DE ESTOQUE: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO**

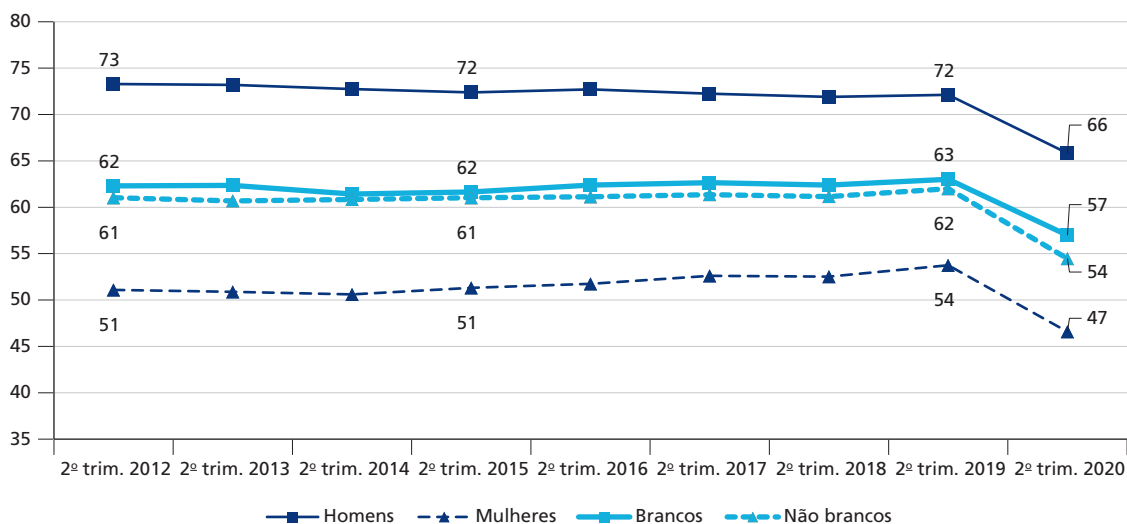
### **2.1 Taxa de participação**

O gráfico 1 evidencia como a taxa de participação é um relevante marcador das diferenças por sexo, mas não por raça/cor. Em 2012, os homens possuem uma participação de 22 pontos percentuais (p.p.) mais elevada que as mulheres; em 2019, a diferença permanece elevada, em 18 p.p. Em 2020, a diferença na participação entre homens e mulheres corresponde a 19 p.p., mas esse ano se destaca dos anteriores pela intensa queda sofrida nesta estatística tanto para homens (6 p.p.) quanto mulheres (7 p.p.).

Ao considerar as diferenças na taxa de participação por idade (gráfico 2), observa-se que, conforme esperado, os grupos etários de catorze a dezoito e o de sessenta ou mais apresentam participação bastante reduzida em relação aos outros. Esse resultado ocorre porque o primeiro grupo compreende a idade escolar correspondente a Educação Básica (especialmente, Ensino Médio) e o segundo abrange os indivíduos em idade de aposentadoria. Tendo em vista as especificidades desses dois grupos, a análise priorizará a comparação entre jovens de 19 a 29

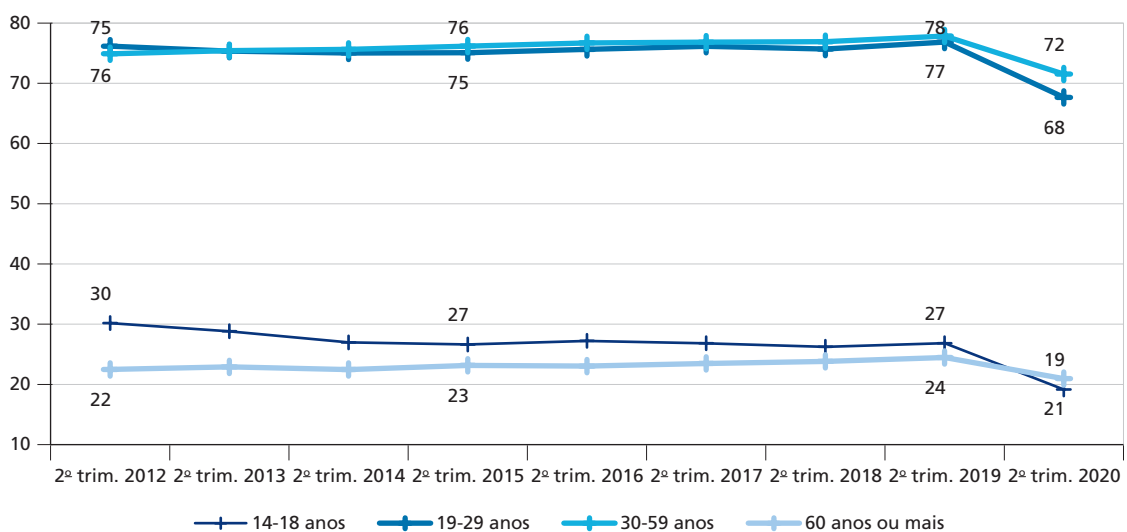
e adultos de 30 a 59 anos de idade. Entre esses grupos, não há grandes diferenças exceto para o ano de 2020, em que os adultos possuem participação cerca de 4 p.p. mais elevada. Isso significa que a forte queda ocorrida na participação na crise de 2020 foi maior entre os mais jovens, de 19 a 29 (9 p.p. *versus* 6 p.p. entre os adultos).

GRÁFICO 1  
Taxa de participação por sexo e raça/cor (2012-2020)  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 2  
Taxa de participação por idade (2012-2020)  
(Em %)

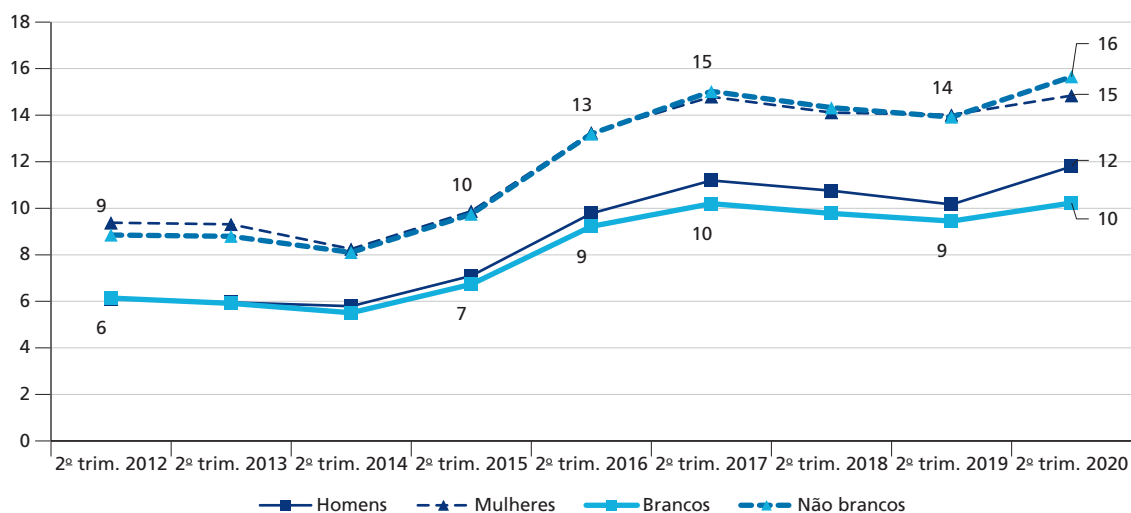


Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

## 2.2 Taxa de desemprego

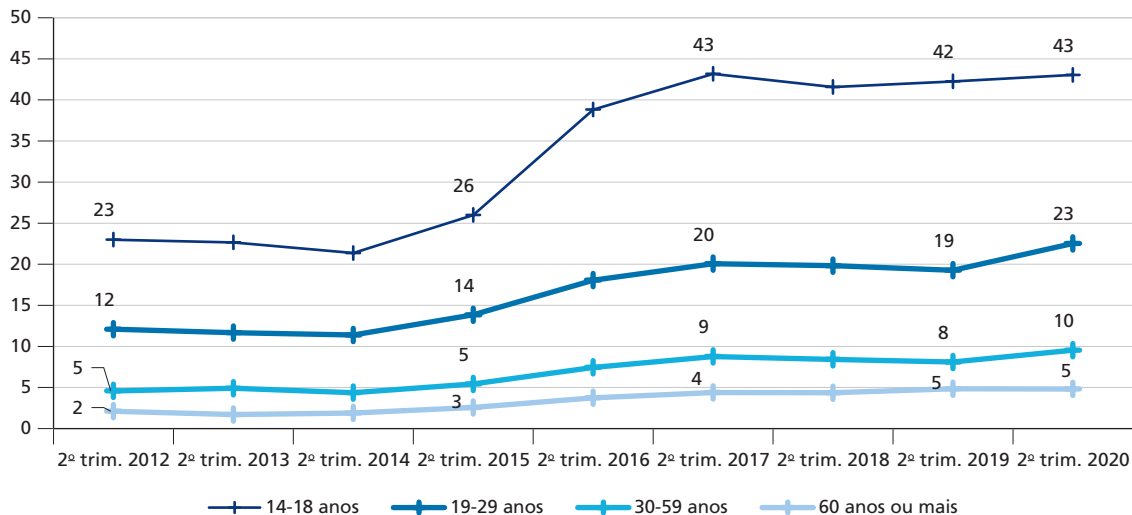
A taxa de desemprego marca relevantes diferenças por sexo, raça/cor, e idade, o que pode ser observado nos gráficos 3 e 4. Contudo, há heterogeneidade nas magnitudes. Em 2020, as mulheres, negros e jovens de 19 a 29 anos possuem taxa de desemprego cerca de 3 p.p., 6 p.p. e 13 p.p. acima de seus respectivos grupos de comparação. Na crise de 2020, houve um aumento do desemprego para todos os grupos, mas não de forma diferenciada em relação aos anos de 2015, 2016 e 2017. Vale mencionar ainda que os anos de crise, tanto 2015 e 2016 quanto 2020, se caracterizam também pela elevação do diferencial de desemprego, especialmente por raça/cor e idade.

GRÁFICO 3  
Taxa de desemprego por sexo e raça/cor (2012-2020)  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 4  
Taxa de desemprego por idade (2012-2020)  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
Elaboração dos autores.

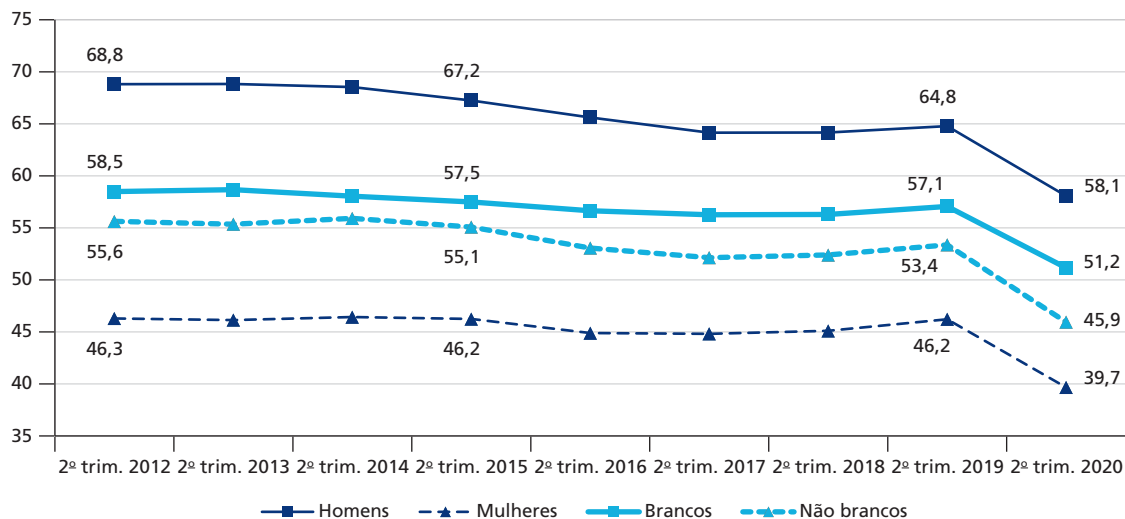
### 2.3 Taxa de ocupados

A evolução da proporção de ocupados sobre o total da população reflete os movimentos ocorridos no desemprego e na participação no mercado de trabalho. Nos gráficos 5 e 6, observa-se como a intensidade da queda da taxa de ocupação em 2020 foi maior do que a ocorrida nos anos 2015, 2016 e 2017. Além da amplitude maior, a análise anterior mostrou que a queda da ocupação em 2020 ocorreu principalmente através do aumento da inatividade, enquanto a sofrida na crise anterior se deve ao aumento do desemprego.

Vale notar ainda que tanto a crise anterior quanto a de 2020 sugerem uma certa elevação dos diferenciais de ocupação entre negros e brancos, assim como entre os grupos de 19 a 29 e de 30 a 59. Assim, entre 2019 e 2020, o diferencial por raça/cor se elevou de 3,7 p.p. para 5,3 p.p., e o entre jovens e adultos foi de 9,5 p.p. para 12,3 p.p. Se considerar um momento anterior a ambas as crises, é possível verificar que a elevação do diferencial foi ainda maior.

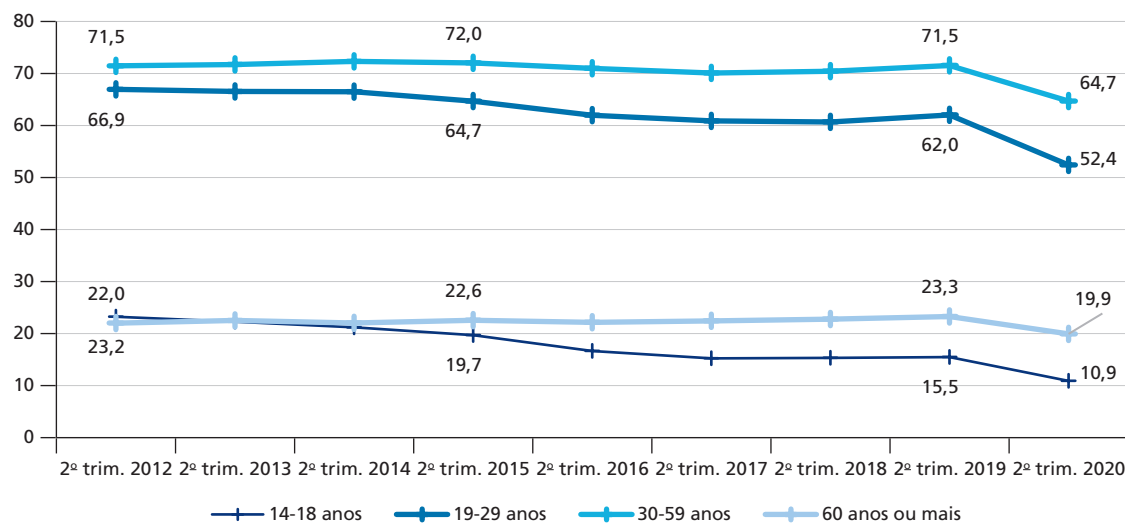
No entanto, o maior diferencial na taxa de ocupação ocorre entre mulheres e homens, que oscila ao redor de 20 p.p., porém com tendência de queda ou de permanência mesmo nos anos de crise. Assim, nos anos de 2012, 2015, 2019 e 2020, esse diferencial correspondia a 22,5 p.p., 21 p.p., 18,6 p.p. e 18,4 p.p., respectivamente. Apesar de não ocorrer a ampliação desse diferencial, são as mulheres as que apresentam taxa de ocupação mais baixa, de 39,7%.

**GRÁFICO 5**  
**Percentual de ocupados na população, por sexo e raça/cor (2012-2020)**  
 (Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração dos autores.

**GRÁFICO 6**  
**Percentual de ocupados na população, por idade (2012-2020)**  
 (Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.  
 Elaboração dos autores.



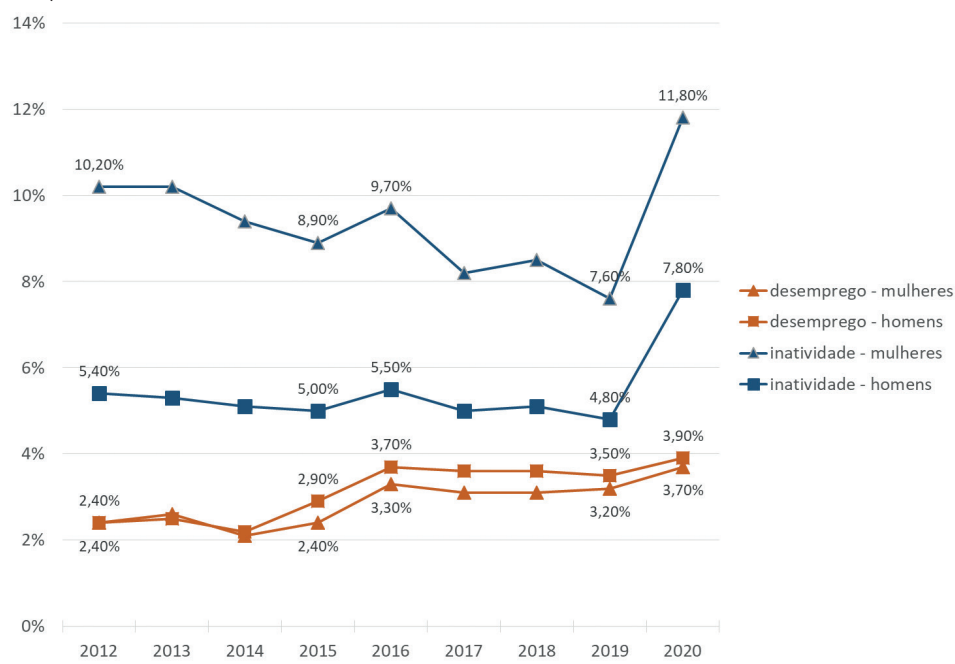
### 3 INDICADORES DE TRANSIÇÕES: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO

#### 3.1 Indicadores de saída da ocupação

Ao contrário da seção anterior, aqui são analisados indicadores que refletem os fluxos de indivíduos entre as situações de ocupados, inativos e desempregados do primeiro para o segundo trimestre de cada ano do período de 2012 a 2020. Mais especificamente, nesta subseção são analisadas as proporções de indivíduos ocupados no primeiro trimestre de cada ano que, no trimestre seguinte, tornaram-se ou desempregados ou inativos. O gráfico 7 apresenta esses fluxos para homens e mulheres separadamente.

Ao longo de todo o período, observa-se que o principal diferencial entre homens e mulheres está na proporção de indivíduos que migram para a inatividade. Esse percentual é sempre superior para as mulheres, mas estava se reduzindo entre 2012 e 2015, e no ano de 2020 a diferença ficou em 4 p.p. A crise ocorrida em 2020 se caracteriza por uma elevação significativa da proporção de ocupados que transitam para a inatividade. De 2019 para 2020, a elevação desse percentual correspondeu a 4,2 p.p. e 3 p.p. para mulheres e homens, respectivamente.

GRÁFICO 7  
Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre primeiro e segundo trimestres, por sexo (2012-2020)  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

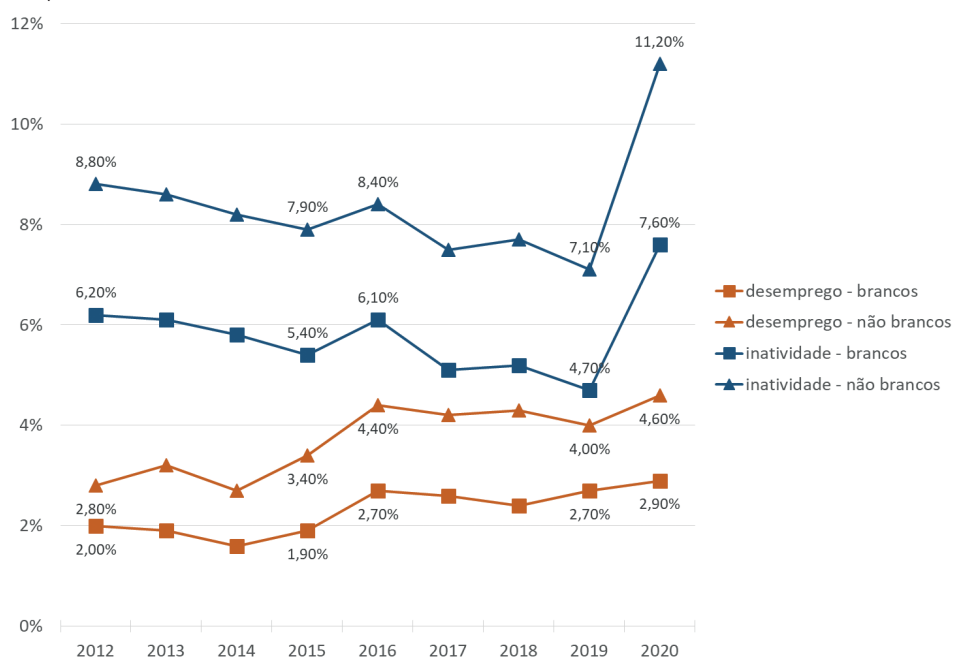
Elaboração dos autores.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Já o fluxo da ocupação para o desemprego estava similar entre homens e mulheres até a crise em 2015 e 2016, quando a subida desse indicador foi um pouco mais intensa para as mulheres do que para os homens. Contudo, a diferença não chegou a um ponto percentual e manteve-se até 2020, momento em que a elevação da transição para o desemprego foi bem mais suave do que a ocorrida em 2015 e 2016.

Em relação ao diferencial por raça/cor, o gráfico 8 mostra que são relevantes as diferenças existentes nas transições tanto para inatividade quanto para o desemprego. Enquanto a crise de 2015 e 2016 se caracterizou pela elevação da migração para o desemprego e por um aumento do diferencial desse indicador entre brancos e negros, a crise em 2020 se diferencia pela elevação súbita da transição para a inatividade, que ocorreu também de forma mais intensa para negros (aumento de 4,1 p.p. entre negros e 2,9 p.p. entre brancos).

**GRÁFICO 8**  
**Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre primeiro e segundo trimestres, por raça/cor (2012-2020)**  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

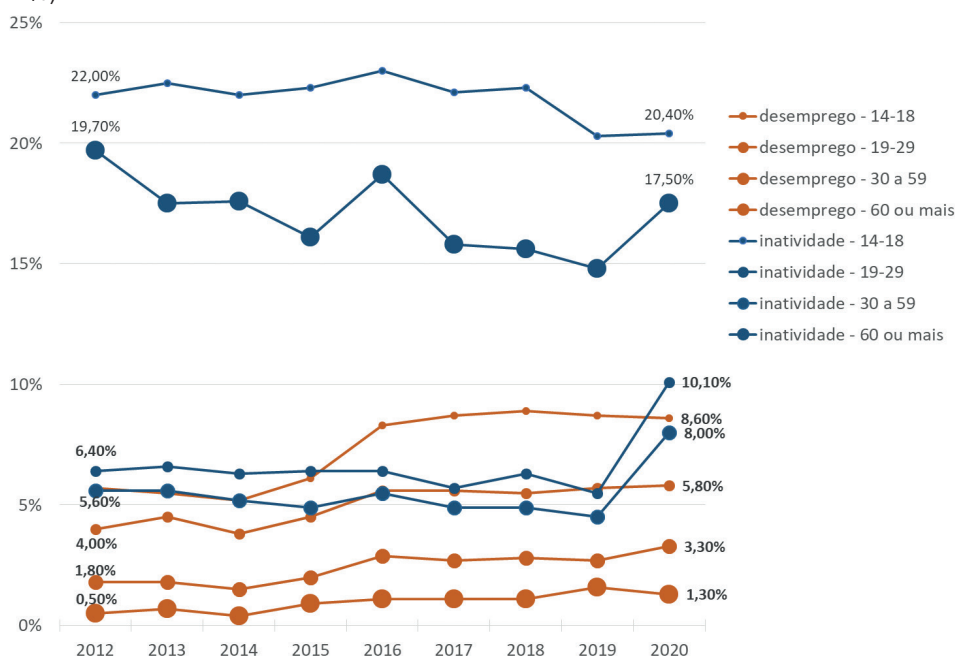
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Ao considerar as faixas etárias (gráfico 9), destacam-se as elevadas transições para inatividade entre os grupos de catorze a dezoito anos e sessenta anos ou mais. Essas proporções já seriam esperadas haja vista que a primeira categoria corresponde à idade adequada ao Ensino Médio e a segunda compreende indivíduos que poderiam se aposentar. Não obstante, a elevação nas chances de transitar para a inatividade, entre aqueles com sessenta anos ou mais, em 2020, está associada à crise da pandemia.

O principal diferencial entre os grupos de 19 a 29 e de 30 a 59 ocorre na proporção que transita para o desemprego com desvantagem para os mais jovens. Esse foi o indicador mais afetado na crise de 2015 e 2016. Fica evidenciado mais uma vez que a crise de 2020 se caracteriza pelo aumento agudo da transição para a inatividade, e essa elevação ocorreu de forma um pouco mais intensa para o grupo etário 19-29 (aumento de 4,6 p.p. para 19 a 29 anos de idade *versus* 3,5 p.p. para 30 a 59).

Em suma, a crise de 2020 correspondeu a um aumento relevante nas chances de transitar para a inatividade entre todos os grupos. Não obstante, vale registrar que esse aumento ocorreu de forma um pouco mais intensa (cerca de 1 p.p. acima) para os grupos em desvantagem: mulheres, negros e jovens (de 19 a 29).

**GRÁFICO 9**  
**Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre primeiro e segundo trimestres, por idade (2012-2020)**  
 (Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

### 3.2 Indicadores de entrada na ocupação

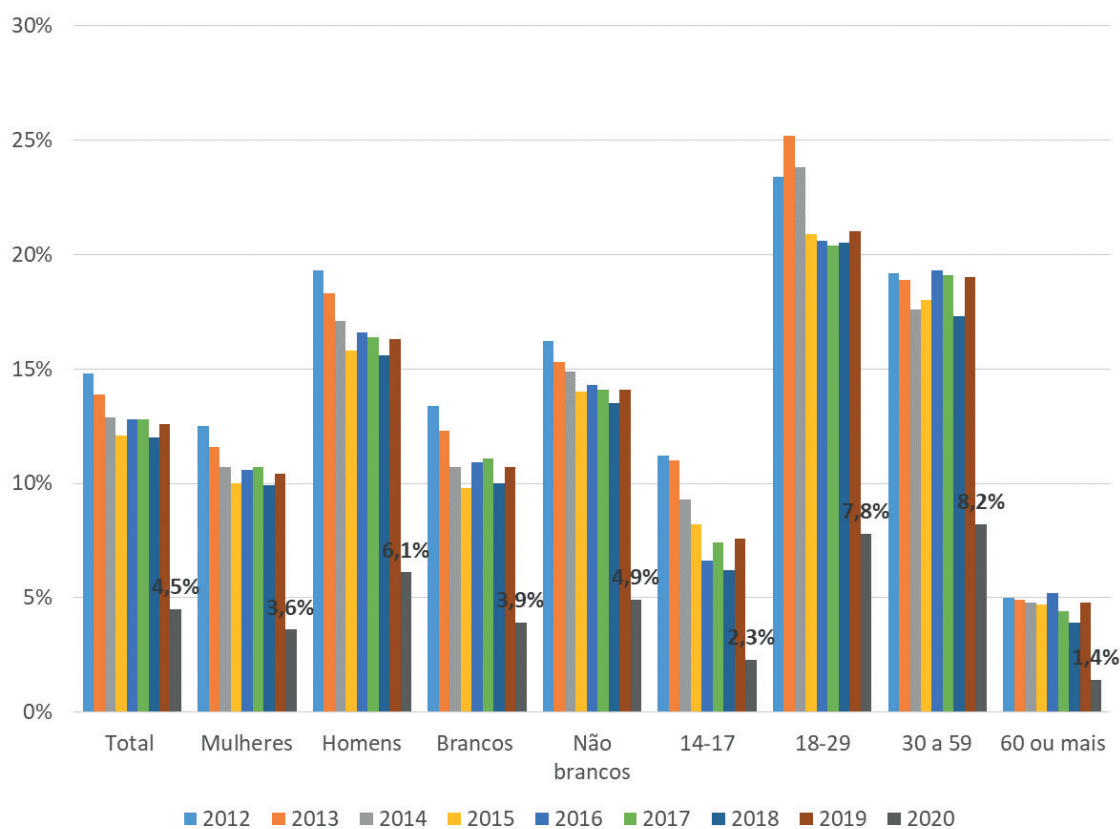
Além da saída da ocupação, é importante analisar também o fluxo de entrada nas ocupações. O gráfico 10 apresenta a proporção de indivíduos que se tornaram ocupados no segundo trimestre entre aqueles que estavam ou desempregados ou inativos no primeiro trimestre de cada ano do período de 2012 a 2020.

Em relação às desigualdades no período, como um todo, há que se destacar que as mulheres possuem menores chances de conseguir uma ocupação enquanto que os negros e os jovens de 18 a 29 anos de idade possuem maiores chances. Essa aparente vantagem de negros e jovens está associada tanto à maior rotatividade no mercado de trabalho quanto à maior facilidade em entrar em ocupações informais.

A taxa de entrada sofreu uma redução bastante abrupta em 2020 que não se equipara a reduções ocorridas nos anos anteriores. A proporção de pessoas inativas ou desempregadas que conseguiram uma ocupação no segundo trimestre se reduziu de 12,6%, em 2019, para 4,5%, em 2020. A queda foi sentida em todos os grupos, mas foi maior em termos absolutos para homens (10,2 p.p. *versus* 6,8 p.p. para mulheres), negros (9,2 p.p. *versus* 6,8 p.p. para brancos) e jovens de 19 a 29 (13,2 p.p. *versus* 10,8 p.p. para o grupo etário de 30 a 59).

GRÁFICO 10

**Transição do desemprego ou inatividade para uma ocupação entre primeiro e segundo trimestres, por sexo, raça/cor e por idade (2012-2020)**  
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de 2020 se reflete nos indicadores de mercado de trabalho de forma bastante intensa e atípica mesmo na comparação com o período da crise anterior em 2016. Neste artigo, observa-se que as desigualdades analisadas em termos de sexo, raça/cor e idade nas taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade não se reduzem durante a crise. Assim, os grupos em desvantagem são os que apresentam os indicadores mais vulneráveis no momento da crise. Para alguns indicadores, observa-se até mesmo a ampliação do diferencial, como é o caso da taxa de ocupação por raça/cor e idade.

A diferença da crise de 2020 em relação à crise anterior, ocorrida em 2015 e 2016, se caracteriza não apenas por sua magnitude, mas também pela intensa transição dos ocupados, não para o desemprego, e sim para a inatividade. Assim, apesar de ter sido observado um aumento da taxa de desemprego, é a queda expressiva na taxa de participação que mais se sobressai na pandemia da Covid-19. Vale destacar ainda que, em 2020, não apenas a saída da condição de ocupado foi relevante, mas também a redução da entrada de indivíduos inativos e/ou desempregados em algum emprego teve papel na crise.

Em relação às mulheres, como já apresentam grande desvantagem nos indicadores de participação do mercado de trabalho e como a desigualdade manteve-se, a situação ficou ainda mais exposta e a proporção de ocupadas entre o total de mulheres chegou a um patamar pouco abaixo de 40%. A diferença em relação aos homens significa um pouco menos de 20 p.p. Ao longo do período entre 2012 e 2019, as mulheres já mudam mais que os homens da situação de ocupada para inativa e também possuem menor taxa de entrada nas ocupações, e, em 2020, os reveses sofridos nesses indicadores mantiveram a elevada desigualdade.

Entre os negros e brancos, há diferenciais importantes na taxa de desemprego e na proporção de ocupados. Ambas as crises de 2016 e de 2020 contribuíram para um aumento desses diferenciais por cor/raça. Por exemplo, a diferença na proporção de ocupados correspondia a 2,4 p.p. em 2015 e alcançou 5,3 p.p. em 2020. Isso resulta do fato de que tanto o aumento na transição para desemprego e/ou inatividade quanto a redução na entrada para ocupação foram um pouco mais intensas entre os negros em 2020.

Em relação aos diferenciais por idade, vale destacar a comparação entre os grupos etários de 19 a 29 e de 30 a 59. Há relevantes diferenças no desemprego e na ocupação, ademais de ocorrer elevação da desigualdade em ambas as crises. A proporção de ocupados entre os adultos era 7,3 p.p. acima dos jovens em 2015, e essa diferença se elevou para 12,3 p.p. em 2020. No ano da pandemia, chamou a atenção também que, para os jovens, a redução nas chances de conseguir um emprego ocorreu de forma mais intensa.

Em suma, a análise do período de 2012 a 2020 indica que, tanto na crise de 2016 quanto na de 2020, as desigualdades não se reduzem e assim os piores indicadores ficam associados aos grupos mais vulneráveis. Entre o primeiro e segundo trimestres de 2020, a pandemia se refletiu em um intenso aumento nas chances de sair da condição de ocupado para inatividade e redução das chances de conseguir um emprego. Ou seja, foi uma crise marcada pela forte retração tanto da oferta quanto da demanda de trabalho. Tais movimentos levaram a taxa de ocupação a patamares sem precedentes no mercado de trabalho brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS-PRASSL, A. *et al.* **Inequality in the impact of the Coronavirus shock**: evidence from real time surveys. Bonn, Germany: IZA Institute of Labor Economics, Apr. 2020. (Discussion Paper, n. 13183).
- ALON, T. M. *et al.* **The impact of Covid-19 on gender equality**. Stanford, California: NBER, Apr. 2020. (Working Paper, n. 26947).
- CARVALHO, S. S. *et al.* Análise das transições no mercado de trabalho brasileiro no período da Covid-19. **Carta de Conjuntura**, n. 49, 2020.
- CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M.; POLOPONSKY, K. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Brasília: OIT; Ipea, 2020.
- CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M.; RAMOS, L. A queda recente das taxas de ocupação e participação no mercado de trabalho e sua dinâmica. **Carta de Conjuntura**, n. 48, 2020.
- CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. **Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**, n. 70, set. 2020.
- GALASSO, V. *et al.* **Gender differences in Covid-19 related attitudes and behavior**: evidence from a panel survey in eight OECD countries. Stanford, California: NBER, June 2020. (Working Paper, n. 27359).
- HECKSHER, M. Mercado de trabalho: a queda da segunda quinzena de março, aprofundada em abril. **Carta de Conjuntura**, n. 47, 2020.



## **Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

### **EDITORIAL**

#### **Chefe do Editorial**

Reginaldo da Silva Domingos

#### **Assistentes da Chefia**

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

#### **Supervisão**

Camilla de Miranda Mariath Gomes

Everson da Silva Moura

#### **Editoração**

Aeromilson Trajano de Mesquita

Anderson Silva Reis

Cristiano Ferreira de Araújo

Danilo Leite de Macedo Tavares

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

*The manuscripts in languages other than Portuguese  
published herein have not been proofread.*

#### **Livraria Ipea**

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: [livraria@ipea.gov.br](mailto:livraria@ipea.gov.br)





## **Missão do Ipea**

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.



**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA  
ECONOMIA

